

TEORIA DA REVOLUÇÃO E DO PARTIDO REVOLUCIONÁRIO



NESTOR MAKHNO

Índice

I

Teoria do Partido Revolucionário

Nossa Organização

04

Sobre a Disciplina Revolucionária

06

II

Teoria da Revolução

Sobre a Defesa da Revolução

09

A Luta Contra o Estado

12

III

Revolução Russa

O Grande Outubro na Ucrânia

15

Em Memória da Insurreição de Kronstadt

18

IV

Crítica do Leninismo

Makhno e Lenin: um diálogo histórico

21

Lenin e o Leninismo, os guias do proletariado mundial?

24

A Idéia de Igualdade e os Bolcheviques

28

Combate Classista Edições 2009 – combateclassista@gmail.com

I

Teoria do Partido Revolucionário

Nossa Organização

Nestor Makhno

A atual situação enfrentada pelo proletariado mundial exige uma tensão máxima do pensamento e da energia dos anarquistas revolucionários, para esclarecer as questões mais importantes.

Nossos camaradas, que desempenharam um papel ativo na revolução russa e continuam fiéis às suas convicções, sabem de que maneira funesta se fez sentir, em nosso movimento, a ausência de uma sólida organização. Esses camaradas estão bem situados para ser particularmente úteis na tarefa de unificação atualmente empreendida. Suponho que não lhes passou despercebido que o anarquismo foi um fator de insurreição nas massas trabalhadoras revolucionárias, na Rússia e na Ucrânia, incitando-as à luta por toda parte. Contudo, a ausência de uma grande organização específica, que contraponha suas forças vivas aos inimigos da revolução, tornou os anarquistas incapazes de assumir uma função organizativa. A tarefa libertária na revolução sofreu as pesadas conseqüências dessa incapacidade. Conscientes dessa limitação, os anarquistas russos e ucranianos não devem permitir que tal fato se repita. A lição do passado é demasiado penosa e, por não a terem esquecido, eles devem ser os primeiros a dar o exemplo de coesão de suas forças. Como? Criando uma organização que possa cumprir as tarefas do anarquismo, não somente no momento de preparar a revolução social, mas igualmente depois. Uma tal organização deve unir todas as forças revolucionárias do anarquismo, e se ocupar imediatamente da preparação das massas para a revolução social e para a luta pela realização da sociedade anarquista.

Se bem que a maioria dos anarquistas reconhece a necessidade de uma tal organização, é lamentável constatar que são poucos os que se preocupam com a seriedade e a constância indispensáveis.

Neste momento, os acontecimentos se precipitam em toda Europa, inclusive na Rússia, prisioneira dos bolcheviques. Está próximo o dia em que será necessário participarmos ativamente dos acontecimentos. Se nos apresentarmos outra vez sem estarmos organizados, previamente e de maneira adequada, seremos novamente incapazes de impedir que os acontecimentos evoluam no turbilhão dos sistemas estatais.

O anarquismo se insere e vive concretamente por toda a parte onde há vida humana. Em contrapartida, ele não se torna compreensível para todos, a não ser onde e quando existem os propagandistas e os militantes que romperam sincera e inteiramente com a psicologia de submissão desta época, eis por que são ferozmente perseguidos. Esses militantes agem de acordo com suas convicções, desinteressadamente, sem medo de descobrir, em seu processo de desenvolvimento, aspectos desconhecidos, para assimilar, ao fim e ao cabo, o que se fizer necessário para a vitória contra o espírito de submissão.

Duas teses decorrem do que acima foi dito:

- a primeira, é que o anarquismo conhece expressões e manifestações diversas, mas conserva uma perfeita integridade em sua essência.
- a segunda, é que o anarquismo é naturalmente revolucionário e, na luta contra seus inimigos, só pode adotar métodos revolucionários.

No decorrer de seu combate revolucionário, o anarquismo não somente derruba os governos e suprime suas leis, mas se ocupa também da sociedade em que nasceu, de seus valores, seus costumes e sua "moral", o que lhe vale ser cada vez mais compreendido e assimilado pela maioria oprimida da humanidade.

Tudo isso nos convence de que o anarquismo não pode continuar aprisionado nos limites de um pensamento marginal e reivindicado unicamente por uns poucos grupelhos, em suas ações isoladas. Sua influência natural sobre a mentalidade dos grupos humanos em luta é mais do que evidente. Para que esta influência seja assimilada de modo consciente, ele deve doravante se munir de novos meios e iniciar desde já o caminho das práticas sociais.

Dielo Trouda n.º 4, setembro de 1925

Sobre a Disciplina Revolucionária

Nestor Makhno

Alguns camaradas me fizeram a seguinte pergunta: como é que eu entendo a disciplina revolucionária? Vou lhes responder.

Compreendo a disciplina revolucionária como uma autodisciplina do indivíduo, estabelecida num coletivo atuante, de modo igual para todos, e rigorosamente elaborada.

Ela deve ser a linha de conduta responsável dos membros desse coletivo, induzindo a um acordo estrito entre sua prática e sua teoria.

Sem disciplina na organização, é impossível empreender qualquer ação revolucionária séria. Sem disciplina, a vanguarda revolucionária não pode existir, porque então ela se encontrará em completa desunião prática e será incapaz de formular as tarefas do momento, de cumprir o papel de iniciador que dela esperam as massas.

Faço repousar esta questão sobre a observação e a experiência de uma prática revolucionária conseqüente. De minha parte, baseio-me sobre a experiência da revolução russa, que tinha um conteúdo tipicamente libertário sob muitos aspectos.

Se os anarquistas estivessem firmemente ligados no plano organizativo e tivessem observado, em suas ações, uma disciplina bem determinada, não teriam jamais sofrido uma tal derrota. Mas, porque os anarquistas "de todo estilo e de todas as tendências" não representavam, mesmo em seus grupos específicos, um coletivo homogêneo, com uma disciplina de ação bem definida, não puderam suportar o exame político e estratégico que lhes impuseram as circunstâncias revolucionárias.

A desorganização conduziu os anarquistas à impotência política, dividindo-os em duas categorias:

- a primeira foi a dos que se dedicaram à sistemática ocupação das residências burguesas, nas quais se alojaram e viveram para o seu bem-estar. Eram os que eu chamo de turistas, os diversos anarquistas que vão de cidade em cidade, na esperança de encontrar um lugar onde permanecer algum tempo, espreguiçando-se e desfrutando o máximo possível de conforto e prazer.
- a segunda se compunha dos que romperam todos os laços honestos com o anarquismo (ainda que alguns deles, na URSS, façam-se passar agora pelos únicos representantes do anarquismo revolucionário) e se lançaram sobre os cargos oferecidos pelos bolcheviques, no momento mesmo em que o poder fuzilava os anarquistas que permaneciam fiéis ao seu posto de revolucionários e denunciaram a traição dos bolcheviques.

Diante desses fatos, compreende-se facilmente porque eu não posso continuar indiferente ao estado de despreocupação e negligência que existem atualmente em nossos meios.

De uma parte, isso impede a criação de um coletivo libertário coerente, que permitirá aos anarquistas ocuparem o lugar que lhes cabe na revolução. Doutra parte, isso permite contentar-se com belas frases e grandes pensamentos, omitindo-se no momento de agir.

Eis porque eu falo de uma organização libertária apoiada sobre o princípio duma disciplina fraternal. Uma tal organização conduzirá ao acordo indispensável de todas as forças vivas do anarquismo revolucionário e o ajudará a ocupar seu lugar na luta do Trabalho contra o Capital.

Por esse meio, as idéias libertárias certamente ganharão as massas e não se empobrecerão. Somente os fanfarrões consumados e irresponsáveis fugirão diante de uma tal estrutura organizacional.

A responsabilidade e a disciplina organizacionais não devem horrorizar: elas são companheiras de viagem da prática do anarquismo social.

Dielo Trouda, n°s 7-8, dezembro de 1925 – janeiro de 1926

II

Teoria da Revolução

Sobre a Defesa da Revolução

Nestor Makhno

No quadro da discussão que houve, entre nossos camaradas de diversos países, em torno do projeto de Plataforma da União Geral dos anarquistas, publicada pelo grupo dos anarquistas russos no exterior, pergunto-me sobre as inúmeras maneiras de dedicar um artigo específico à questão da defesa da revolução. Esforçar-me-ei para tratá-la com a maior atenção, mas presumo que meu dever é, desde já, advertir os camaradas que esta questão não é o ponto central do projeto de Plataforma. Sua parte essencial consiste na necessidade de unir nossas fileiras comunistas libertárias da maneira mais conseqüente. Essa parte carece de ser emendada e completada antes de ser posta em execução. Ou então, se não agruparmos nossas forças, nosso movimento estará condenado a sucumbir definitivamente sob a influência dos liberais e dos oportunistas que freqüentam nosso meio: especuladores e aventureiros políticos, uma corja que, na melhor das hipóteses, se dedica à tagarelice e às intrigas, incapaz que é de lutar pela realização de nossos grandiosos objetivos. Nossos objetivos só serão alcançados se juntarmos a nós todos os que instintivamente acreditam na justeza de nossa luta e desejam conquistar para a revolução a liberdade e a independência mais completas, a fim de construir uma vida e uma sociedade novas, onde cada um poderá enfim afirmar sua vontade criadora para o bem de todos.

No que diz respeito à questão particular da defesa da revolução, eu me apoiarei sobre a experiência que vivi durante a revolução russa na Ucrânia, no curso da luta ilegal, porém decisiva, conduzida pelo movimento revolucionário dos trabalhadores ucranianos. Essa experiência me ensinou que, em primeiro lugar, a defesa da revolução está diretamente ligada à sua ofensiva contra a contra-revolução; em segundo lugar, seu crescimento e sua intensidade colidirão sempre com a resistência dos contra-revolucionários; em terceiro lugar, em conseqüência do que já foi dito: as ações revolucionárias dependem intimamente do conteúdo político, da estruturação e dos métodos organizacionais empregados pelos destacamentos revolucionários armados, que devem combater, numa extensa frente, os exércitos convencionais contra-revolucionários.

Na luta contra seus inimigos, a revolução russa começou por organizar, sob a direção dos bolcheviques, os destacamentos de guardas vermelhos. Logo se percebeu que eles não suportariam a pressão das forças inimigas - no caso, os corpos expedicionários alemães, austríacos e húngaros -, pela simples razão de que agiam, na maior parte do tempo, sem qualquer orientação operacional geral. Eis por que os bolcheviques recorreram à organização do exército vermelho, na primavera de 1918.

Foi então que nós lançamos a palavra de ordem da organização de “batalhões livres” de trabalhadores ucranianos. Rapidamente, tornou-se visível que essa organização era impotente para enfrentar as provocações internas de todo tipo, pela falta de critérios sociais e políticos com que aceitava todos os voluntários, que desejavam unicamente pegar em armas e combater. O fato é que as unidades armadas constituídas por essa organização foram traiçoeiramente entregues ao inimigo, circunstância que as impediu de cumprir até o fim seu papel histórico na luta contra a contra-revolução estrangeira. Contudo, diante desse primeiro fracasso da organização de “batalhões livres” – que poderiam ser qualificados de unidades combatentes para a defesa imediata da revolução – nós não perdemos a cabeça. A organização foi um pouco modificada em sua forma, incluindo cavalaria e infantaria. Esses destacamentos tinham por tarefa agir na retaguarda profunda do inimigo. Essa organização foi posta à prova nas ações contra os corpos expedicionários austro-alemães e os bandos do hetman (chefe cossaco) Skoropadsky, durante o fim do verão e o outono de 1918.

Apegando-se a essa forma de defesa da revolução, os trabalhadores ucranianos conseguiram arrancar, das mãos dos contra-revolucionários, o laço de força que ameaçava a revolução na Ucrânia. Além disso, não se contentando com a defesa da revolução, aprofundaram-na tanto quanto foi possível. Cabe assinalar que, nesse momento, os bolcheviques não dispunham de qualquer força militar na Ucrânia. Suas primeiras unidades combatentes só vieram da Rússia bem mais tarde; logo ocuparam uma frente paralela à nossa, esforçando-se na aparência para se unir aos trabalhadores ucranianos, organizados de maneira autônoma e sobretudo livres de seu controle estatal, mas de fato os bolcheviques se ocuparam, dissimuladamente, de sua decomposição e desaparecimento em seu (dos bolcheviques) benefício. Para atingir esse objetivo, os bolcheviques não desdenharam nenhum meio, chegando à sabotagem direta do apoio que haviam se comprometido a fornecer sob a forma de munições e de obus; isso, no exato momento em que nós desenvolvíamos, sobre toda a nossa frente, uma grande ofensiva, cujo sucesso dependia sobretudo da potência de fogo de nossa artilharia e de nossas metralhadoras, e quando era grande nossa escassez de munições. Na medida em que se desenvolvia no país, a contra-revolução interior recebia a ajuda de outros países, não somente em armas e munições, mas também em soldados. Apesar disso, nossa organização da defesa da revolução também cresceu e adotou, simultaneamente e em função das necessidades, uma nova forma e os meios mais apropriados para a luta.

Sabe-se que a frente contra-revolucionária mais perigosa da época foi constituída pelo exército do general Denikin. No entanto, o movimento insurrecional conseguiu barrá-lo durante cinco ou seis meses. Muitos dos melhores comandantes denikinianos quebraram o pescoço enfrentando nossas unidades equipadas unicamente com armas tomadas ao inimigo. Nossa organização contribuiu grandemente para isso: sem usurpar a autonomia das unidades combatentes, reorganiza-as em regimentos e brigadas, coordenadas por um estado-maior operacional comum. É verdade que a criação desse estado-maior só aconteceu graças à tomada de consciência, pelas massas trabalhadoras revolucionárias, que combatiam tanto na frente quanto na retaguarda, da necessidade de um comando militar único. Ou seja, sempre influenciadas pelo nosso grupo comunista libertário camponês de Gulai-Polé, os trabalhadores se preocuparam também com a determinação de direitos iguais para cada indivíduo, na participação da nova edificação social, em todos os domínios e inclusive a obrigação de defender essas conquistas. Assim, enquanto a frente denikiniana ameaçava de morte a revolução libertária, acompanhados com um vivo interesse pela população, os trabalhadores revolucionários se uniram à base de nossa concepção organizacional da defesa da revolução, fazendo-a sua e reforçando o exército insurrecional pelo fluxo regular de novos combatentes, que substituíam os feridos ou esgotados.

Ademais, as exigências práticas da luta impunham que, no interior de nosso movimento, fosse criado um estado-maior operacional e organizacional de controle comum para todas as unidades combatentes.

Na continuidade dessa prática, não posso aceitar o pensamento de que os anarquistas revolucionários rechaçam a necessidade de um tal estado-maior para orientar estrategicamente a luta armada revolucionária. Estou convencido de que todo anarquista revolucionário que se encontrar em condições idênticas às que conheci durante a guerra civil na Ucrânia será obrigado a agir como nós agimos. Se, no decorrer da próxima revolução social autêntica, houver anarquistas que neguem esses princípios organizacionais, eles serão no interior de nosso movimento meros tagarelas ou, ainda, elementos frenadores e nocivos, que não tardarão a ser rejeitados.

Dedicando-se a resolver o problema da defesa da revolução, os anarquistas devem se incumbir do caráter social do comunismo libertário. Diante de um movimento revolucionário de massas, devemos

reconhecer a necessidade de organizá-lo e de fornecer-lhe os meios dignos. Portanto, engajarmo-nos totalmente nele. Caso contrário, se nós lhes parecemos sonhadores e utópicos, então não deveremos dificultar a luta dos trabalhadores, em particular dos que seguem os socialistas-estatistas. Sem dúvida, o anarquismo foi e continua sendo um movimento social revolucionário, eis porque sou e serei sempre um partidário de sua organização bem estruturada e da criação, no momento da revolução, de batalhões, regimentos, brigadas e divisões, tendendo a se fundir, em certas circunstâncias, num exército comum, sob um comando regional único, sob a forma de estados-maiores organizacionais de controle. Estes se encarregarão, segundo as necessidades e as condições da luta, de elaborar um plano operacional federativo, coordenando as ações dos exércitos regionais, com o objetivo de levar à vitória os combates em todas as frentes, esmagando a contra-revolução armada. A defesa da revolução não é uma tarefa das mais fáceis; ela pode exigir das massas revolucionárias um imenso esforço organizativo. Os anarquistas devem saber disso e estar prontos para ajudá-las nessa tarefa.

Dielo Trouda, n° 25, junho de 1927

A Luta Contra o Estado

Nestor Makhno

O fato de que o Estado moderno tenha a forma de organização de uma autoridade fundada sobre a arbitrariedade e a violência na vida social dos explorados, é independente de que este seja "burguês" ou "proletário"(1). O Estado descansa sobre o centralismo opressivo, que emana diretamente da violência que uma minoria exerce contra a maioria. A fim de reforçar e impor a legalidade de seu sistema, o Estado não recorre só as suas armas e a seu dinheiro, mas também a potentes armas de pressão psicológicas. Com a ajuda de tais armas, um pequeno grupo de políticos reforça a repressão psicológica na sociedade inteira e, particularmente, nas massas trabalhadoras, condicionando-as de tal maneira, com objetivo de desviar suas atenções da escravidão institucionalizada pelo Estado.

Assim, devemos deixar claro que se vamos combater a violência organizada do Estado moderno, devemos dispor de armas poderosas, apropriadas para a importância desta tarefa. Até agora, os métodos de ação social empregados pela classe operária revolucionária contra o poder dos opressores e exploradores (o Estado e o Capital) em conformidade com as idéias libertárias, têm sido insuficientes para levar aos explorados a sua vitória completa.

Tem acontecido na História, que os trabalhadores tem derrotado ao Capital, porém a vitória tem escapado logo de suas mãos, porque algum poder Estatal tem emergido, combinando os interesses do capital privado com os do capitalismo de Estado, a fim de triunfar sobre os explorados.

A experiência da Revolução Russa tem exposto com rigor nossas limitações a este respeito. Não devemos esquecer isto, mas devemos dedicarmo-nos, simplesmente, a identificar estas limitações.

Devemos reconhecer que nossa luta contra o Estado na Revolução Russa foi notável, apesar da desorganização que afligia nossas fileiras: notável, sobretudo, no que concerne à destruição daquela odiosa instituição. Porém, ao contrário, nossa luta foi insignificante no plano da construção da sociedade livre de trabalhadores e de suas estruturas sociais, que teriam assegurado que esta prosperasse além do alcance da tutela do Estado e de suas instituições repressivas.

O fato de que nós, os comunistas libertários ou os anarco-sindicalistas, fracassamos em antecipar a seqüência da Revolução Russa e que fracassamos em apurar a criação de novas formas de atividade social a tempo, fez com que muitos de nossos grupos e organizações estivessem desorientados, uma vez mais, acerca da sua linha política e sócio-estratégica na frente de luta da Revolução.

Se quisermos evitar uma futura recaída nestes mesmos erros, quando suceder alguma situação revolucionária, e a fim de manter a coesão e a coerência de nossa linha organizativa, devemos, antes de mais nada, combinar nossas forças em uma só coletividade ativa e logo, sem mais devaneios, definir nossa concepção construtiva das unidades econômicas, sociais, locais e territoriais, algo que deve ser descrito em detalhes (soviets livres), e que em particular demonstra se, de forma ampla, sua missão revolucionária básica na luta contra o Estado. A vida contemporânea e a Revolução Russa, exigem isso.

Aqueles que se envolvem nas mesmas fileiras das massas operárias e camponesas, participando ativamente das vitórias e fracassos de suas campanhas, devem sem dúvida chegar as nossas mesmas conclusões, e mais especificamente a uma consideração de que nossa luta contra o Estado deve ser

levada até que o Estado tenha sido completamente erradicado: estes também reconhecerão que o momento mais duro nesta luta é a ação das forças armadas revolucionárias.

É essencial que o papel das forças armadas da Revolução, esteja ligado as entidades sociais e econômicas, onde o povo trabalhador se organizará desde os primórdios da Revolução, para que se introduza a total auto-organização da vida, fora do alcance de toda estrutura estatal.

Deste momento em diante, os anarquistas deve focar sua atenção sobre esse aspecto da Revolução. Devem convencer-se de que, se as forças armadas da Revolução se organizam em vastos exércitos ou em vários destacamentos armados locais, não podem fazer outra coisa senão derrotar aos funcionários e defensores do Estado, e conseqüentemente, favorecer as condições alçadas pela população explorada que apoia a revolução, a fim de destruir todos os vínculos com o passado e visar até os detalhes finais do processo de construção de uma nova existência sócio-econômica.

O Estado, contudo, será capaz de fixar-se em alguns pequenos locais e tratará de construir múltiplos obstáculos no caminho a nova vida dos explorados, desacelerando o rumo do crescimento e do desenvolvimento harmonioso de novas relações, fundadas na completa emancipação do Homem.

A liquidação final e completa do Estado só pode ocorrer quando a luta dos explorados é orientada pelas características mais libertárias possíveis, quando os explorados mesmos forem os que determinem as estruturas de suas ações sociais. Estas estruturas deve assumir a forma de órgãos de auto-direção social e econômica, a forma de soviets livres "anti-autoritários". Os operários revolucionários e sua vanguarda (os anarquistas), devem analisar a natureza e estrutura destes soviets e especificar suas funções revolucionárias. É em base nisto, principalmente, que a evolução positiva e o desenvolvimento das idéias anarquistas nas fileiras daqueles que realizarão a liquidação do Estado por sua própria conta, a fim de construir uma sociedade livre, dependerá.

Dielo Trouda, n°17, Outubro de 1925, p. 5-6

Nota

1) Clara alusão ao governo Bolchevique da União Soviética, que disfarçava a natureza burocrática, repressiva e anti-popular de seu Estado, sob a fórmula de ser um Estado "operário" (a qual os "dissidentes" trotskystas deram o apelido de "degenerado").

III

Revolução Russa

O Grande Outubro na Ucrânia

Nestor Makhno

O mês de Outubro de 1917 é uma grande etapa histórica da Revolução russa. Esta etapa consiste na tomada de consciência dos trabalhadores - das cidades e do campo - dos seus direitos de controlar as suas próprias vidas e o seu património social e económico: o cultivo da terra, as habitações, as fábricas, as minas de carvão, os transportes e, enfim, a instrução, que servia outrora para destituir os nossos antepassados de todos esses bens.

Entretanto, do nosso ponto de vista, dar a Outubro todo o conteúdo da Revolução russa seria afastar-se muito da realidade. A Revolução russa foi preparada durante os meses que precederam Outubro, período no qual os camponeses e os operários se apoderaram do mais importante. A Revolução de Fevereiro pode servir de símbolo para os trabalhadores da sua libertação ulterior do jugo económico e político aos quais estavam submetidos. Constataram, sem hesitar, que a Revolução de Fevereiro tomou, na sua evolução, a forma degenerada de um produto da burguesia liberal, e, como tal, foi incapaz de se colocar na via da acção social. Os trabalhadores ultrapassaram imediatamente os limites instaurados pela Revolução de Fevereiro, e puseram-se a romper às claras todos os elos com o seu aspecto pseudo-revolucionário e os seus objectivos.

Esta acção revestiu dois aspectos na Ucrânia: no momento em que o proletariado das cidades, devido à fraca influência exercida sobre ele pelos anarquistas, por um lado, e a falta de informação, por outro, sobre as posições reais e os problemas internos dos partidos, considerava que colocar os bolcheviques no poder era o dever mais importante na luta iniciada para o desenvolvimento da revolução, a fim de substituir a coligação dos socialistas- revolucionários de direita e da burguesia.

Durante esse tempo, no campo, em particular na parte zaporogue da Ucrânia, lá onde a autocracia nunca pôde abolir inteiramente o espírito livre, o campesinato trabalhador revolucionário considerava como o seu dever mais imperativo e importante o facto de empregar a acção revolucionária directa para se libertar o mais rápido possível dos pomestchikis e dos kulaks(1), estimando que esta emancipação facilitaria a vitória contra a coligação político-social-burguesa.

É por isso que os camponeses começaram, na Ucrânia, a sua ofensiva, ao confiscar as armas dos burgueses (a marcha do general Kornilov sobre Petrogrado em muito contribuiu para isto, em Agosto de 1917), recusando pagar, em seguida, a segunda parcela anual de impostos sobre a terra aos proprietários e kulaks.

Essa terra, que os agentes da coligação se esforçavam, com zelo, para retirar das mãos dos camponeses, para a conservar nas mãos dos proprietários, com o pretexto de que o governo devia observar o status quo até à decisão da Assembleia Constituinte.

Os camponeses puseram-se, então, a expropriar directamente os pomestchikis, kulaks, dos mosteiros e das terras do Estado, assim como do gado, instituindo, sempre directamente, comités locais de gestão desses bens, para a sua repartição entre os diferentes vilarejos e comunas.

Um anarquismo instintivo transparecia em todas as intenções dos camponeses da Ucrânia naquele momento, exprimindo um ódio não-dissimulado por toda a autoridade estatal, acompanhada de uma aspiração a dela se libertar.

Esta aspiração era muito forte entre os camponeses. Consistia, em substância, em libertar-se das instituições da polícia, do juiz enviado do centro pela burguesia, e assim por diante. Essa aspiração exprimia-se, na prática, em muitas regiões da Ucrânia. Há inúmeros exemplos testemunhando de que maneira os camponeses das províncias de Ekaterinoslav, de uma parte de Tavripol e de Kherson, de Poltava e Kharkov expulsaram a polícia dos vilarejos, ou, então, retiraram-lhe o direito de prender, sem antes se dirigir aos comités de camponeses e às assembleias dos vilarejos; os polícias estavam reduzidos a representar o papel de mensageiros das decisões tomadas... O mesmo ocorria com os juizes.

Os próprios camponeses julgavam todos os delitos, durante as assembleias ou reuniões, privando de todo o direito de jurisdição os juizes enviados pela autoridade central. Os juizes caíam, às vezes, em tal desgraça junto aos camponeses que, amiúde, eram obrigados a fugir e a esconder-se.

Tal comportamento dos camponeses para com os seus direitos individuais e sociais obrigou-os naturalmente a temer que a palavra de ordem "Todo o poder aos soviets" se transformasse num poder de Estado: estes temores não se manifestavam, talvez, tão claramente no proletariado das cidades, que estava mais sobre influência dos social-democratas e dos bolcheviques.

Para os camponeses, o poder dos soviets locais significava transformar esses órgãos em unidades territoriais autónomas, sobre a base do agrupamento revolucionário e autogestionário socio-económico dos trabalhadores, na via da construção de uma nova sociedade. Assim compreendendo esta palavra de ordem, os camponeses fizeram-na sua, aplicaram-na, desenvolveram-na e defenderam-na contra os ataques dos socialistas-revolucionários de direita, dos cadetes e da contra-revolução monarquista.

Outubro ainda não havia ocorrido quando os camponeses, em inúmeras regiões, recusaram-se a pagar os impostos de arrendamento aos pomestchikis e aos kulaks, confiscaram-lhes as terras e o gado, em nome das suas colectividades, enviaram, em seguida, delegados ao proletariado das cidades para se entender com ele quanto ao controle das fábricas, empresas, etc., e estabelecer elos fraternos a fim de construir, juntos, a nova e livre sociedade dos trabalhadores.

Naquele momento, a aplicação prática das ideias do "grande Outubro" não tinha sido adoptada pelos seus inimigos, e era muito criticada nos grupos, organizações, partidos, e seus comités centrais. Desse modo, o grande Outubro, na sua designação cronológica oficial, aparece aos camponeses revolucionários da Ucrânia como uma etapa já alcançada.

Durante as jornadas de Outubro, o proletariado de Petrogrado, Moscovo e outras grandes cidades, assim como os soldados e camponeses se avizinhavam destas cidades, sob a influência dos anarquistas, dos bolcheviques e dos socialistas revolucionários de esquerda, regularizaram e expressaram politicamente com maior precisão o motivo que levou os camponeses revolucionários de inúmeras regiões da Ucrânia a lutar activamente, já a partir do mês de Agosto, em condições muito favoráveis do ponto de vista do proletariado urbano.

As repercussões da vontade proletária de Outubro chegaram à Ucrânia com um mês e meio de atraso. Ela manifestou-se, inicialmente, por apelos de delegados e partidos, em seguida, por decretos do Soviete dos Comissários do Povo, em relação ao qual os camponeses ucranianos se conduziram com desconfiança, não tendo participado na sua designação.

Grupos de guardas vermelhos apareceram em seguida, vindos em parte da Rússia, atacando, em todos os lugares, os nós de comunicação e as cidades, para expulsar as tropas contra-revolucionárias

dos cossacos da Rada(2) central ucraniana, tão contaminada pelo chauvinismo que não pôde ver nem compreender com quem e a que se aparentava a população trabalhadora ucraniana, nem o seu espírito revolucionário manifestado no combate pela sua independência social e política.

Ao fazer esta análise do grande Outubro, no seu 10º aniversário, devemos ressaltar que o que fazíamos na Ucrânia, nos campos, integrou-se perfeitamente, ao fim de dois meses, às acções dos trabalhadores revolucionários de Petrogrado, de Moscovo e das outras grandes cidades.

Tanto estimamos a fé revolucionária e o orgulho manifestado pelos camponeses ucranianos antes de Outubro, como celebramos, também, e nos inclinamos diante das ideias, da vontade e da energia manifestadas pelos operários, camponeses e soldados russos durante as jornadas de Outubro.

É verdade que, ao tratar do passado, não é possível passar ao lado do presente, ligado de um modo ou de outro a Outubro.

Não podemos deixar de exprimir uma profunda dor moral pelo facto de, após dez anos, as ideias que encontraram a sua expressão em Outubro serem achincalhadas por aqueles, que em seu nome, chegaram ao poder e dirigem a partir daí a Rússia.

Nós exprimimos a nossa solidariedade entristecida por todos aqueles que lutaram connosco pelo triunfo de Outubro, e que apodrecem actualmente nas prisões e nos campos de concentração, cujos sofrimentos, sob a tortura e a fome, chegam até nós, e obrigam-nos a sentir, em vez de alegria pelo 10ª aniversário do grande Outubro, uma profunda aflição.

Por dever revolucionário, elevamos mais uma vez a nossa voz para além das fronteiras da URSS: devolvam a liberdade aos filhos de Outubro, devolvam-lhes os seus direitos de se organizar e propagar as suas ideias.

Sem liberdade e sem direitos para os trabalhadores e para os militantes revolucionários, a URSS asfixia-se e mata tudo aquilo que tem de melhor nela. Os seus inimigos alegram-se com isso, e preparam-se em todos os lugares do mundo, com a ajuda de todos os meios possíveis, para esmagar a Revolução e a URSS com ela.

Notas

(1) *Pomestchikis: grandes proprietários de terras; kulaks: ricos fazendeiros*

(2) *Rada: Assembleia Constituinte dos deputados na Ucrânia em 1918.*

Texto extraído de Os Anarquistas na Revolução Russa, organizado por Alexandre Skirda

Retirado da revista Libertárias nº1, Outubro/Novembro 1997, São Paulo

Em Memória da Insurreição de Kronstadt

Nestor Makhno

O dia 7 de Março é uma jornada de pesar para os trabalhadores da dita "União das Repúblicas Soviéticas e Socialistas", que participaram de uma ou de outra forma nos acontecimentos desse dia em Kronstadt. A sua comemoração é igualmente dolorosa para os trabalhadores de todos os países, pois recorda o que os operários e marinheiros livres de Kronstadt exigiram do carrasco vermelho, o "Partido Comunista Russo" e do seu instrumento, o governo soviético, que estavam assassinando a revolução russa.

Kronstadt exigiu destes bandidos estatistas a restituição de tudo o que pertencia aos trabalhadores das cidades e dos campos, tendo sido eles a fazer a revolução. Os proletários de Kronstadt exigiram que fossem postos em prática os princípios da revolução de Outubro: "Eleição livre dos soviets, liberdade de expressão e de imprensa para operários e camponeses, para anarquistas e socialistas revolucionários de esquerda".

O Partido Comunista Russo viu nisto um atentado inadmissível ao seu monopólio no país e, escondendo cobardemente a imagem de carrasco atrás da máscara de revolucionário e de amigo dos trabalhadores, declarou contra-revolucionários os operários e marinheiros livres de Kronstadt e depois lançou contra eles dezenas de bufos e de escravos submissos: tchekistas, kursantis, membros do Partido... empenhados em massacrar estes honestos combatentes revolucionários, cujo único erro tinha sido de se indignarem diante da mentira e da cobardia do Partido Comunista Russo que espezinhava os direitos dos trabalhadores e da revolução.

A 7 de Março de 1921, às 18h45, um furacão de fogo de artilharia foi desencadeado contra Kronstadt. Era natural e inevitável que a Kronstadt revolucionária se defendesse. Foi o que fez, não apenas em nome das suas exigências, mas também dos outros trabalhadores do país que lutavam pelos seus direitos revolucionários, arbitrariamente esmagados pelo poder bolchevique.

A sua defesa teve repercussões em toda a Rússia amordaçada, disposta a secundar o seu combate justo e heróico, mas infelizmente impotente, pois então já estava desarmada, constantemente explorada e agrilhoadada pelos destacamentos repressivos do Exército Vermelho e da Tcheka, especialmente formados para esmagar a livre vontade e espírito do país.

É difícil avaliar as baixas dos defensores de Kronstadt e da massa cega do Exército Vermelho, mas certamente foram mais de dez mil mortos. Na maior parte, operários e camponeses, aqueles de que o Partido da mentira se tinha mais servido durante anos, unicamente pelos seus interesses próprios de partido, para desenvolver e aperfeiçoar o domínio todo poderoso sobre a vida económica e política do país.

Kronstadt defendeu tudo o que havia de melhor na luta dos operários e camponeses na revolução russa contra a oligarquia bolchevique. Por isso, esta exterminou-os, uns imediatamente depois da sua vitória militar, os restantes nas fortalezas e prisões, herdadas da ordem czarista e burguesa. Dos que conseguiram alcançar a Finlândia, muitos ainda se encontram em campos de concentração.

Vista desta forma, a jornada do 7 de Março deve ser compreendida como um momento doloroso pelos trabalhadores de todos os países. Nesse dia, não apenas os trabalhadores russos, mas todos, devem recordar o episódio terrível dos revolucionários de Kronstadt caídos na luta e os que ficaram

apodrecendo nas masmorras bolcheviques. Mas não é com gemidos que se resolve a questão: além da comemoração do 7 de Março, os trabalhadores de todos os países devem organizar comícios por todo o lado para protestar contra as barbaridades cometidas em Kronstadt pelo Partido Comunista contra operários e marinheiros revolucionários e exigir a libertação dos sobreviventes padecendo nos cárceres bolcheviques e nos campos de concentração finlandeses.

Delo Truda, No.10, Março 1926, pp.3-4

Tradução de Manuel Baptista

IV

Crítica ao Leninismo

Makhno e Lenin: um diálogo histórico

Nestor Makhno

Introdução de Volin

No verão de 1918, quando a Ucrânia foi invadida pelos exércitos austríaco e alemão, Makhno teve que marchar à Rússia central e aproveitou sua estadia em Moscou para debater e dialogar com algumas das personalidades mais destacadas e conversar sobre a luta e a revolução que se desenvolviam. Entre elas figurava Lênin.

A entrevista foi agendada por Sverdlov, um dos membros mais proeminentes do bolchevismo russo, cujos conselhos Lênin sempre atendia, considerando-o como seu mentor em assuntos referentes aos potenciais aliados políticos internos. Na época do debate, Sverdlov era o presidente do Comitê Executivo Pan-Russo dos Sovietes e, concedendo muita importância à personalidade de Makhno, se ocupou pessoalmente de todo o necessário para que este pudesse encontrar-se com Lênin. A conversa teve lugar no Kremlin, diante de Sverdlov, e durou cerca de duas horas.

Aqui está como a descreve o próprio Makhno:

Lênin, que se interessava muito sobre o que acontecia na Ucrânia, ocupada pelos exércitos invasores, me perguntou várias vezes sobre a atitude dos camponeses ucranianos e, sobretudo, queria saber como haviam recebido localmente os camponeses da Ucrânia o lema “Todo Poder aos Sovietes”. Expliquei que os camponeses interpretaram este lema à sua maneira. Segundo eles, “Todo Poder Aos Sovietes” queria dizer que o poder, em todos seus aspectos, devia se exercer diretamente com o consentimento e vontade dos trabalhadores; que os soviets dos deputados, operários e camponeses, locais e regionais, não eram outra coisa que as unidades coordenadoras das forças revolucionárias e da vida econômica, enquanto durasse a luta que os trabalhadores sustentavam contra a burguesia e seus aliados, os social-revolucionários de direita e seu governo de coalizão.

- Você crê que esta interpretação é adequada? - me perguntou Lênin

- Sim - respondi.

- Neste caso, o campesinato daquela região está infestado pelo anarquismo.

- Isto é mau?

- Não quero dizer isso, ao contrário. Isto me causaria regozijo, pois adiantaria a vitória do comunismo sobre o capitalismo e seu poder.

- Isto é muito lisonjeiro para mim - insinuei.

- Não, não, volto a afirmar seriamente que um fenômeno desta natureza, na vida dos camponeses adiantaria a vitória do comunismo sobre o capitalismo; mas eu creio que este fenômeno, no campesinato, não é natural. Foi introduzido em suas fileiras pelos propagandistas anarquistas e pode

ser prontamente esquecido. Até estou predisposto a crer que este espírito, não organizado, ao ver-se sob os golpes da contra-revolução triunfante, já desapareceu.

Adverti a Lênin que um grande líder não podia ser pessimista nem cético, e depois de conversar sobre vários temas, me perguntou que pensava fazer em Moscou, ao que respondi que não tinha intenção de ficar naquela capital, mas de regressar à Ucrânia.

- Você irá à Ucrânia clandestinamente?- me perguntou.

- Sim - respondi.

Lênin, dirigindo-se ao camarada Sverdlov, disse:

- Os anarquistas sempre estão dispostos a toda classe de sacrifícios; são abnegados, mas também cegos e fanáticos. Deixam escapar o presente por um futuro distante.

Voltando-se para mim, pediu que não me desse por citado nestas palavras.

- A você, camarada, - afirmou - considero como um homem realista, que está preocupado com os problemas atuais. Se na Rússia tivéssemos pelo menos uma terça parte desta classe de anarquistas, nós, os comunistas, estaríamos dispostos a colaborar com eles, sob certas condições, em prol da livre organização da produção.

Adverti que começava a estimar a Lênin, a quem até fazia pouco tempo havia considerado como o culpado pela destruição de todas as organizações anarquistas de Moscou, o que foi o sinal para destruir as de outras muitas capitais da Rússia. Em meu interior começava a envergonhar-me de mim mesmo e buscava rapidamente uma resposta adequada. Disse o seguinte:

- Todos os anarquistas apreciam muito a Revolução e suas conquistas. Isto demonstra que, neste sentido, todos somos iguais.

- Não me diga isto - retrucou, rindo, Lênin - Nós conhecemos os anarquistas tanto como você mesmo os conhece. A maioria deles, ou não pensam nada sobre o presente, ou pensam bem pouco, apesar da gravidade da situação. E para um revolucionário é vergonhoso não tomar resoluções positivas sobre o presente. A maioria dos anarquistas pensam e escrevem sobre o porvir, sem entender o presente. Isto é o que nos separa a nós, os comunistas, dos anarquistas.

Ao pronunciar esta última frase, Lênin se levantou da cadeira, e passeando pelo salão, acrescentou:

- Sim, sim: os anarquistas são fortes nas idéias sobre o porvir, mas no presente não pisam terreno firme e são deploráveis, já que não tem nada em comum com este presente.

A tudo isto respondi a Lênin que eu era um camponês semi-analfabeto e que sobre aquele abstrato assunto dos anarquistas, tal como ele me expunha, não sabia discutir. Mas disse:

- Suas afirmações, companheiro Lênin, de que os anarquistas não compreendem o presente e que não têm nenhuma relação com ele, são equivocadas. Os anarco-comunistas da Ucrânia (ou do sul da Rússia, como dizem vocês, bolcheviques) têm dado já demasiadas provas que demonstram sua compenetração com o presente. Toda a luta revolucionária do povo ucraniano contra a “Rada” [governo burguês] Central da Ucrânia se tem levado sob a direção das idéias anarco-comunistas e

também, em parte, sob a influência dos Social-Revolucionários, os quais - há que dizer a verdade - ao lutar contra a “Rada” Central, tinham finalidades muito distintas das nossas. Nos vilarejos da Ucrânia quase não existem bolcheviques, e ali onde há alguns, sua influência é nula. Quase todas as Comunas Agrícolas tem sido criadas por iniciativa dos anarco-comunistas. A luta armada do povo da Ucrânia contra a reação e, muito especialmente, contra os exércitos expedicionários austríacos, alemães e húngaros, foi iniciada e organizada sob a ideologia e direção dos anarco-comunistas. A verdade é que vocês, tendo em conta os interesses de vosso partido, encontram inconvenientes para reconhecê-lo; mas tudo isto são fatos inegáveis. Vocês sabem muito bem a qualidade e a capacidade combativa de todos os destacamentos revolucionários da Ucrânia. Não em vão sublinharam o valor com que aqueles destacamentos tem defendido nossas conquistas revolucionárias. Pois bem: mais da metade deles vão à luta sob a bandeira anarquista. Os chefes de destacamento como Makrousov, Nikiforoba, Cheredniak, Garen, Chernyak, Luñev (e muitos outros cuja relação seria demasiado prolixo fazer), são anarquistas-comunistas. Não falo de mim pessoalmente, como tampouco do grupo ao qual pertença, mas daqueles destacamentos e batalhões, voluntários para a defesa da Revolução, os quais tem sido criados por nós e não podem ser desconhecidos por vossos altos comandos do Exército e da Guarda Vermelha. Tudo isto demonstra o quão equivocadas são as suas manifestações, camarada Lênin, de que nós, os anarquistas, somos incorrigíveis e débeis no “presente”; apesar de que nos agrada muito pensar no porvir. O que foi dito demonstra a todos, e também a você, que nós, os anarco-comunistas, estamos compenetrados com o presente, trabalhamos nele, e precisamente na luta buscamos a aproximação do futuro, sobre o qual pensamos muito e seriamente. Sobre ele não pode caber dúvida. Isto é, precisamente, todo o contrário da opinião que têm vocês de nós.

Naquele momento olhei para o presidente do Comitê Central Executivo dos Sovietes, Sverdlov, que havia corado. Lênin, abrindo os braços, me disse:

- Pode ser que eu esteja equivocado.

- Sim, sim! – adverti - Neste caso, você tem estas opiniões sobre os anarquistas porque está muito mal-informado da realidade na Ucrânia, e porque tem, todavia, as piores informações sobre o papel que nós desempenhamos na mesma. Pode ser que gente do seu próprio partido tenha interesse em nos denegrir, para fazer avançar sabe lá que espécie de propósitos inconfessáveis...

- Pode ser. Eu não nego. Todo homem pode equivocar-se, muito especialmente em uma situação como esta, em que nos encontramos nestes momentos - disse Lênin, terminando a conversa sobre o tema.”

Lenin e o Leninismo, os guias do proletariado mundial?

Nestor Makhno

Em todos os países e, em particular, nos estados que formam a União das Republicas Soviéticas, ouviu-se um clamor insistente e delirante: " Lenine é o guia dos trabalhadores de todos os países, construiu uma teoria para os servir, mostrou-lhes a verdadeira caminho da libertação vingadora, etc. "

Porém, no mesmo país onde os carrascos brancos e vermelhos, no interesse dos seus partidos, decapitaram a incomparavelmente grande revolução russa - a que é libertadora dos trabalhadores - e desviam actualmente as massas laboriosas do seu objectivo verdadeiro, aí mesmo, perdeu-se a confiança em si própria, na força criadora da acção espontânea para a organização da nova sociedade. E este acontecimento ocorreu num país onde rebentou esta grande revolução e onde ela terminou tão prematuramente (bem antes de ter alcançado o seu desenvolvimento completo) apesar do entusiasmo de que as massas trabalhadoras - excluindo Lenine e consortes - estavam animadas!

A tais brincadeiras (para os partidos bolcheviques dos outros países assumem-se como afirmações de grande importância) que não são nenhuma brincadeiras, afinal, mas antes o sinal de uma irresponsabilidade criminosa, respondem em eco os partidários de Lenine nos países exteriores. A consequência disto é que, mesmo os não-partidários de Lenine, aceitam tais alegações como verdadeiras, os homens-escravos cuja inteligência, a força, a vontade estão prisioneiras dos ferros do capital abjecto e maníaco. Muitos então, burlados e burlando os outros, esganam-se a gritar " Lenine é o guia do Proletariado de todos os países, deu-nos a teoria da libertação, mostrou-nos a via de verdadeira emancipação".

É inconcebível que o burguês Lenine seja o guia do proletariado mundial. Esta pretensão parece-nos infundada, injustificável, aos nossos olhos de camponeses revolucionários, que partilhámos todas as etapas da revolução russa e que nos confrontámos com o "leninismo". Colocar Lenine num pedestal nessa qualidade é uma farsa que apenas prova a fraqueza de espírito daqueles que se esforçam a atribuir a este homem a direcção do proletariado, embora, na realidade, ele nem se encontrava no país durante a grande revolução russa. O assassinio desta apenas ocorreu graças á enorme ingenuidade infantil do povo, e ainda mais por causa das baionetas dos mercenários que, na sua cegueira, se vendiam ao partido leninista.

Em nossa opinião, o colocar-se num pedestal Lenine, como " o guia de todos os trabalhadores do mundo" não é nem mais nem menos do que uma malvada e criminal farsa cometida contra uma humanidade enganada e oprimida, ainda bastante iludida para dar a esta atitude grotesca um valor definido e específico.

O partido socialdemocrata bolchevista, que se designa também erroneamente comunista, e cujo apoio espiritual foi o burguês Lenine (Oulianov Lenine) o qual, até à morte saturou toda a revolução russa da sua ignorância científica e do vazio do marxo-leninismo, este partido age de mesma forma que a burguesia em relação aos trabalhadores, ou seja, vê neles única e simplesmente escravos fiéis.

De Marx a Lenine, e após o seu desaparecimento, este partido pretendeu sempre ser o educador de toda a humanidade laboriosa, à custa daqueles que trabalham. Ele nem sequer se apercebe que é um

educador que se intromete, jesuítico, que se esforça por conduzir a massa oprimida sob a pretensa bandeira da emancipação, embora, irresponsavelmente a desvie por uma aparente vitória sobre a escravatura económica, política e psíquica. Na realidade, apenas pretende reformar a escravatura da humanidade. Soube demonstrar suficientemente, pelos seus actos durante a grande revolução russa, que sabia ser um excelente carrasco, não apenas daqueles que, num período de luta entre os homens, representam um elemento perverso e corrompido, mas igualmente daqueles cuja impulsão é saudável, pura, bela, que sulcam com nobreza um caminho livre, que trabalham pelo desenvolvimento de todas as forças criativas para o bem do conjunto social.

Mostrou-se um mau educador, e sobretudo um educador pernicioso.

Os fenómenos que se puderam observar em particular no partido leninista russo também se observam igualmente nos outros países. Um simples facto, como exemplo: vimos os comunistas marchar em grupos pelas ruas, de bengala na mão e porrete de cauchu dissimulado. Desta constatação insignificante podemos concluir que o movimento bolchevista, durante a revolução russa, tinha um carácter mais destruidor que revolucionário (Noutros países reveste-se do mesmo carácter.)

O bolchevismo contém em si próprio ideias insanas para as quais os trabalhadores de todo o mundo não deveriam, em caso nenhum, assumir a responsabilidade. Isso também é por vezes reconhecido no interior das fileiras do partido leninista, embora sempre de maneira confusa. Há ainda milhões de trabalhadores que, por instigação do partido, se consideram chamados a dirigir o destino da humanidade, em vez de pensar numa união livre e fraterna com os camponeses pobres, na livre resolução de seus interesses mútuos durante a revolução. Este pensamento criminoso do partido que envenena trabalhadores - que, na sua vida, apenas sentiram ou pensaram como escravos assalariados, dependentes - este pensamento criminoso segundo o qual, os escravos têm de decidir sobre o destino de outros, tranquiliza o seu coração. "Ah! O tempo consertará tudo!" É sobre tais palavras de esperança e de expectativa que assentam os mais evidentes atentados cometidos contra a classe trabalhadora, à custa de seu sangue e de sua vida. Escondeu-se dos trabalhadores, foi-lhes disfarçado o crime cometido contra a revolução e as multidões revolucionárias que se esforçavam, com todo o ardor, em levar a revolução a bom porto, em destruir, de uma vez por todas, a escravidão e libertar-se das cadeias da exploração.

É compreensível que o partido social-democrata dos comunistas bolchevistas, perseguindo os seus fins na vida pública e privada, atribua uma grande importância a que Lenine seja elevado à estatura de chefe mundial de todos os trabalhadores; de tal maneira que o seu nome constitua um elo entre o proletariado de todos os países e seu partido. A dedicação de Lenine aos interesses do seu partido, o seu ardor pessoal, são realmente consideráveis. Um partido portador do seu nome vê como seu dever glorificá-lo. E presta-lhe homenagem porque tem necessidade dele como símbolo...

Mas o que é que o bolchevismo leninista tem de comum com as esperanças ardentes da humanidade explorada e exausta? O bolchevismo que desemboca na prática, no direito da dominação do homem sobre o homem; que será reconhecido, por qualquer um que reflecta, como detestável e criminoso?

O burguês Lenine, com o seu panbolchevismo, ele e todo o seu partido, ao querer submeter à sua vontade, pela força, a massa dos trabalhadores, está tão afastado dos elevados fins de uma libertação verdadeira como as instituições da Igreja e do Estado, tais como nós as vemos.

Actualmente, esta confusão de ideias parece misteriosa, mas basta reler, de olhos bem abertos, os últimos escritos de Lenine que são, segundo a própria opinião dos bolcheviques, o seu testamento. Em relatório apresentado ao Comité de Moscovo do partido Comunista Russo, datado de 10 de

Janeiro deste ano (Isvestia de 14 de Janeiro de 1925). Kameneff comunica as instruções rigorosas sobre o que se deveria dizer acerca de Lenine quando alguém perguntasse, lembrando este testamento do defunto.

A ascensão de Lenine aos cumes celestiais dos quais desce até nós como guia mundial do proletariado, obriga a que digamos duas palavras a este respeito. Assim, no testamento citado por Kameneff, Lenine diz: "Devemos edificar um Estado onde os operários conservarão a predominância sobre toda a classe dos camponeses." (1) Que queria dizer o "guia mundial do proletariado"? Que os trabalhadores que adiram ao partido leninista não deveriam jamais sonhar construir uma sociedade nova em colaboração com a classe camponesa? Ou antes que ele queria que esta se submetesse ao domínio da sua inconcebível ditadura operária-bolchevista? A edificação de um tal Estado, no qual o operário tem o direito de colocar sob tutela toda a classe camponesa, estava ligada muito habilmente, para Lenine, a electrificação rural. "Se a classe operária quiser dar seguimento a esta ideia, os maiores progressos são possíveis e a grande indústria será criada". "Deste modo", continua o pretense guia mundial de todos os operários "será garantida a transformação rápida de cavalos esfomeados, em poderosos cavalos mecânicos, desenvolveremos certamente uma grande indústria mecânica, electrificada" e acrescenta: "temos assim a certeza de conservar o poder".

Não é aqui o local próprio para discutir a questão da transformação dos pequenos cavalos em grandes charruas mecânicas. Nós acreditamos firmemente na força criadora dos trabalhadores e estamos convencidos que se eles expropriarem realmente a burguesia de todos os meios de produção, do solo e da propriedade fundiária, saberão bem reorganizar a sua vida e todas as suas relações económicas e individuais. A tutela ditatorial dos "operários" sobre os camponeses como defendem Lenine, Kameneff, Zinovieff, Trotsky, Derchinsky, Kaline e tantos outros, mostrou-se, na sua aplicação, impotente. Estes apenas conseguiram produzir partidos, compromissos, desvios e recuos do bolchevismo ao fascismo (O terrorismo político dos bolchevistas em relação às ideias revolucionárias e aos seus defensores não difere em nada do terrorismo fascista).

Quando Lenine convida as massas a edificar um Estado onde os operários têm a supremacia sobre a classe camponesa, está a inviabilizar a ideia de uma livre comunidade de trabalho entre os operários e os camponeses; ele coloca a revolução russa numa posição tal que os trabalhadores esmagados caminham para a sua morte. Eles teriam sido literalmente abafados e não teriam a liberdade condicional de que "gozam" hoje dentro da União das Repúblicas Soviéticas se os camponeses tivessem oposto a sua própria autoridade à classe operária. Felizmente, os camponeses da Rússia e da Ucrânia não têm a mínima fé em Karl Marx; eles sabem perfeitamente que toda a violência, seja qual for o nome que tenha, é criminosa e baixa. O camponês russo nunca se sentiu atraído pela violência, sempre a repudiou. Sacrificou a sua liberdade, senão mesmo a sua vida, para proteger "o governo dos operários" contra os ataques da burguesia, pois pensava que o operário no seu íntimo é estranho a todo o despotismo e que o ajudaria a combater a servidão do campesinato. Em vez disso, operários e camponeses, sofreram, uns e outros, uma nova opressão.

A questão que se nos coloca agora é a seguinte: Falar da edificação de um Estado onde uma camada popular exerce o domínio sobre outra - eis aqui a atitude de um Guia Mundial do Proletariado? Ou antes a linguagem do chefe dum grupo de homens cujo objectivo, debaixo da pretensa bandeira da libertação real do capitalismo, é levar a cabo uma reforma do sistema capitalista, graças aos esforços dos laboriosos e à sua custa.

Afirmamos que um homem chamado Lenine falou nesse último sentido - que falou na qualidade de representante do partido bolchevista, o qual, embora pretenda pertencer à família dos laboriosos do

mundo, não concebe as relações familiares com as massas senão na condição de as considerar como um meio de alcançar -sem dificuldades- o fim para o qual tende, enquanto partido.

Os laboriosos do mundo ainda não disseram felizmente a sua última palavra :se aceitassem, ao libertarem-se de uma autoridade, colocarem-se debaixo do jugo de uma nova opressão, despótica, mais sofisticada, tão cruel (senão mais) que a que eles queriam derrubar? Os laboriosos do mundo sabem suficientemente que a sua tarefa sagrada é de aniquilar esta nova violência, como todas as outras.

Viver em fraternidade, libertados de toda a dependência e de toda a sujeição servil - eis o Ideal inteiro do Anarquismo, que corporiza a sã natureza do homem. O burguês Lenine e seu partido bolchevista combateram sempre este ideal elevado. Pelas baionetas, pelo assassinio, por perseguições às quais expuseram os portadores deste ideal, os leninistas esforçaram por conspurcá-lo, por difamá-lo aos olhos das massas. Em vez dele, tentaram fazer triunfar, graças à força das armas - primeiro, no seio dos trabalhadores e depois, usando-os, em toda a humanidade - um ideal de assassinio contínuo, de violência brutal, de aventuras políticas.

Depois disto tudo, designar Lenine "o Guia Mundial do proletariado", não será por brincadeira?

Sim, uma sinistra brincadeira, criminosa, de qual é alvo a humanidade exausta, enganada, esmagada.

Suécia, fim de Maio de 1925

Nota

1. Wir müssen einen Staat aufbauen, in welchem die Arbeiter die Oberhand über die ganze Bauernschaft behalten.

Publicado em L'en Dehors, 31 de Agosto de 1925

Tradução de Manuel Baptista

A Idéia de Igualdade e os Bolcheviques

Nestor Makhno

O 14º Congresso do Partido Comunista Russo condenou sem paliativos a noção de igualdade. Antes do congresso, Zinoviev tinha mencionado essa noção no decorrer de uma polémica com Ustrialov e Bukarin. Declarou então que toda a filosofia contemporânea estava baseada na ideia de igualdade. Kalinin falou energicamente durante o congresso contra este parecer, defendendo que nenhuma referência à igualdade podia ser de utilidade, mas antes prejudicial e que por isto não devia ser tolerada. Os seus raciocínios foram os seguintes:

"Podemos falar de igualdade aos camponeses? Não, de modo nenhum porque, nesse caso, se poriam a exigir direitos iguais que os operários, o que estaria em contradição absoluta com a ditadura do proletariado. Podemos falar de igualdade aos operários? Não, de modo nenhum, porque podem questionar por que razão um membro do partido comunista e outro que o não é, fazendo o mesmo trabalho, o primeiro recebe um salário duplo no segundo. Para conceder a igualdade haveria que permitir que os que não são membros do partido comunista exigissem o mesmo salário que o de um comunista. Camaradas, seria isto aceitável? Não, de maneira nenhuma. Podemos falar de igualdade entre os próprios comunistas? Também não, porque ocupam diferentes posições, tanto em relação aos seus direitos como a suas circunstâncias materiais".

Com base nestas considerações, Kalinin concluiu que o uso por parte de Zinoviev da palavra "igualdade" apenas podia considerar-se como demagógico e nefasto.

Na sua resposta, Zinoviev expôs ao congresso que, embora tenha falado de igualdade, havia-lo feito com um sentido diferente. Tudo o que tinha em mente, disse, era a "igualdade socialista", isto é, a igualdade que um dia num futuro mais ou menos próximo será uma realidade. Para o tempo presente, até que chegasse a revolução mundial (e não havia maneira de prever quando isso iria ocorrer), no podia sequer colocar-se a questão da igualdade. Em particular, não podia haver igualdade de direitos, porque isto seria arriscar uma viragem em direcção a desvios "democráticos" muito perigosos.

Esta interpretação da noção de igualdade não saiu em forma de resolução do congresso. Mas, na essência, os dois bandos que se enfrentaram no congresso estavam de acordo em que a ideia de igualdade era intolerável.

Antes, e não foi há muito tempo, os bolcheviques falavam uma linguagem bastante diferente. Actuaram durante a grande revolução russa sob a bandeira da igualdade, para derrubar a burguesia conjuntamente com os operários e camponeses, em nome dos quais se apropriaram do controlo político do país. Foi sob essa bandeira que, nos oito anos de reinado sobre a vida e a liberdade dos trabalhadores da antiga Rússia - agora designada "União das Repúblicas socialistas Soviéticas"- os czares bolcheviques quiseram convencer esta "União", por eles oprimida, assim como os trabalhadores dos países que ainda não dominam, que se eles perseguiram, se deixaram apodrecer nas prisões e nas deportações e se tinham mesmo assassinado os seus inimigos políticos, era unicamente em nome de uma revolução, dos princípios igualitários supostamente por eles introduzidos e que os seus inimigos pretendiam destruir.

Em breve fará oito anos desde que o sangue dos anarquistas começou a correr porque recusaram curvar-se servilmente diante da violência e desvergonha de quem se apropriou do poder, nem diante da sua ideologia mentirosa e sua total irresponsabilidade.

Neste acto criminoso, que não pode ser descrito de outro modo senão como um massacre levado a cabo pelos deuses bolcheviques, os melhores frutos da revolução morreram porque foram os personagens mais leais aos ideais revolucionários e porque não puderam ser subornados para destes ideais abjurarem. Ao defender com honestidade os princípios da revolução, estes seus filhos tentaram travar a loucura dos deuses bolcheviques e encontrar uma saída perante o beco daqueles, assim como abrir caminho à liberdade e à genuína igualdade dos trabalhadores.

Os poderosos bolcheviques compreenderam logo que as aspirações destes filhos da revolução cavariam a tumba da sua loucura e de todos os privilégios que habilmente haviam herdado da burguesia; então, com as suas artimanhas, serviram-se da sua posição. Por estes motivos condenaram os revolucionários à morte. Homens com alma de escravos apoiaram-nos e o sangue correu. Durante os últimos oito anos o sangue tem continuado a correr e em nome de quê? Poderíamos perguntar. Em nome da liberdade e igualdade dos trabalhadores, dizem os bolcheviques, enquanto continuam com o extermínio de milhares de revolucionários anónimos, de lutadores pela revolução social, que designam de "contra-revolucionários" e de "bandidos".

Com estas mentiras desavergonhadas, os bolcheviques ocultaram a verdadeira natureza dos factos na Rússia, da vista dos trabalhadores do mundo inteiro, particularmente o seu total fracasso no que se refere à construção do socialismo, quando se trata de algo evidente para todo aquele que tenha olhos.

Os anarquistas alertaram em todo o mundo os trabalhadores de todos os países para os crimes bolcheviques durante a revolução russa. O bolchevismo, encarnando o ideal do Estado centralizado, tem-se mostrado como o inimigo mortal do espírito livre dos trabalhadores. Recorrendo a medidas sem precedentes, sabotou o desenvolvimento da revolução e destruiu os seus aspectos mais sublimes e dignos. Com uma máscara bem sucedida, ocultou o seu rosto verdadeiro aos trabalhadores, apresentando-se perante eles como o campeão dos seus interesses. Apenas agora, após um reinado de oito anos, cada vez mais próximos da burguesia internacional, começa a retirar essa máscara e a mostrar directamente ao mundo do trabalho o seu rosto de rapace explorador.

Os bolcheviques abandonaram a ideia de igualdade, não apenas na prática, como também em teoria e o mero enunciado desta parece-lhes hoje perigosa. Isto é compreensível, pois o seu domínio repousa sobre uma noção diametralmente oposta, numa sangrenta desigualdade, no horror mais absoluto cujos males se abateram sobre os trabalhadores. Esperemos que os trabalhadores de todo o mundo retirem as necessárias conclusões e por seu turno dêem cabo dos bolcheviques que são os defensores da escravidão e opressores do Trabalho.

Delo Truda, No.9, Fevereiro de 1926

Tradução de Manuel Baptista